



CARTA DO GESTOR

Abril/2024

Comentário Macroeconômico

O mês de abril foi bastante agitado em termos de economia e mercados. O fio da meada certamente começa com mais uma rodada de números piores do que o esperado na inflação americana. A expectativa de queda nas taxas de juros americana no início do ano era superior aos 75 pontos-base previstos pelo Fed. Mas, com o passar do ano, os dados de economia fortes e a surpresa inflacionária para cima reduziram progressivamente as expectativas de queda. Em maio, o mercado retirou dos preços qualquer expectativa de queda nas taxas de juros do Fed Funds de maneira abrupta após uma rodada de números de inflação acima do esperado. A taxa de juros do *bond* americano de dez anos iniciou o mês de maio a 4,20% ao ano e fechou o mês em 4,70%. Esse movimento rápido e brusco no mercado americano levou a uma reprecificação dos ativos de risco em todo o mundo.

No Brasil, a expectativa de queda nas taxas de juros foi afetada imediatamente. Todo o mercado no Brasil pensava os limites de queda nas taxas de juros brasileiras a partir do equilíbrio doméstico. A taxa de juros neutra no Brasil (aquela que não faz a inflação acelerar nem desacelerar) é estimada em torno de 4,5% real pelo próprio Banco Central. Com expectativas de inflação em torno de 3,5% para os próximos anos, acreditava-se que as taxas de juros no Brasil poderiam cair até cerca de 8% nominal, ou seja, 4,5% de juro real mais 3,5% de inflação. No entanto, com a mudança de cenário do mercado internacional, esse valor passou a ser irrelevante, a restrição externa passou a ser crítica. Qual é essa restrição externa?

Se as taxas de juros fossem idênticas no Brasil e no exterior, muito capital deixaria o país para aplicar em dólares, gerando uma forte desvalorização do real. Portanto, as taxas de juros têm que ser mais altas no Brasil do que no exterior. Se pegarmos a taxa de juros em dólar no Brasil, adicionarmos uma medida de risco-Brasil e mais a expectativa de desvalorização cambial do real, chegaremos a uma taxa de juros limítrofe de cerca de 9-9,25%. Portanto, após as modificações no cenário internacional que discutimos no primeiro parágrafo, esse é o novo piso para a queda de juros no Brasil. Juros locais abaixo desse limite tendem a estimular a saída de capitais para o exterior, desvalorizar o real e, portanto, elevar a inflação brasileira. Esse piso só deve se reduzir à medida que as taxas de juros americanas comecem a cair mais à frente.

Essa mudança rápida de cenário no exterior também gerou um movimento forte de redução de posições que apostavam em quedas mais agressivas nas taxas de juros no Brasil. Em função da necessidade de zerar as posições, o mercado futuro de juros chegou em alguns dias a precificar uma taxa terminal para a Selic acima de 10,5%, o que nos parece exagerado. Nossa previsão atual é que o Banco Central pare a queda nas taxas de juros um pouco acima do limite da “paridade de juros”, em torno de 9,75%. Se o cenário externo mudar em função de dados mais favoráveis, também alteraremos essa expectativa de queda.

Esse forte ajuste na curva de juros também afetou negativamente outros ativos em geral, como a Bolsa de Valores e a taxa de câmbio. Com uma taxa de juros mais alta, o câmbio pode voltar a se beneficiar mais à frente, uma vez que os fluxos de dólares advindos da balança comercial ainda continuam bem positivos.

Os próximos meses devem ser de acomodação a esse novo cenário global – e isso quer dizer que o cenário brasileiro vai ficar ainda mais dependente dos dados internacionais. O desaquecimento da economia americana tem sido bem gradual. Por um lado, as taxas de juros reais americanas, olhando o mercado de *bonds* indexados à inflação (TIPS), têm oscilado em torno de 2% – o que deve ser acima da taxa de juro real neutra da economia americana. Por outro lado, a política fiscal americana tem sido francamente expansionista, ajudando a manter a atividade aquecida. Esses dois vetores opostos vêm gerando a atual incerteza sobre a trajetória futura de inflação e atividade. Essa incerteza impactará significativamente as taxas de juros no Brasil ao longo dos próximos meses e, portanto, as trajetórias de juros e Bolsa também.

Ações

Estratégia Long Only

Em abril, o Fundo obteve um retorno de -3,34% *vs.* -1,70% do Ibovespa. No ano, acumula um retorno de -4,42% *vs.* -6,16% do Ibovespa.

Como destaque positivo, observamos o bom desempenho de uma das nossas investidas no setor de Petróleo e Gás. A boa performance da ação pode ser explicada, em parte, pela manutenção de preços elevados do petróleo. Além disso, o anúncio do pagamento de dividendos contribuiu positivamente, renovando a perspectiva de que a empresa possa continuar a manter um nível elevado de distribuição futura.

Por outro lado, o maior detrator em março foi uma de nossas investidas no setor Financeiro. A pior performance no mês pode ser atribuída à piora do cenário macroeconômico e político, com a decorrente abertura da curva de juros, o que contrabalanceou as elevadas expectativas para o resultado do primeiro trimestre de 2024.

A carteira reflete nossa visão positiva para a Bolsa a médio e longo prazo devido aos *valuations* atrativos da Bolsa brasileira, atualmente em patamares mais descontados. Investimos numa seleção de empresas bem administradas e rentáveis, que negociam com desconto em relação ao seu preço justo. Além disso, nosso portfólio é bem diversificado entre setores e companhias.

Atualmente, nossas maiores exposições estão nos setores de Bancos, Petróleo e Gás, e Energia Elétrica.

Estratégia Dividendos

Em abril, o Fundo obteve um retorno de -2,22% vs. -1,70% do Ibovespa. No ano, acumula um retorno de -5,81% vs. -6,16% do Ibovespa.

Como destaque positivo, observamos o bom desempenho de uma das nossas investidas no setor de Petróleo e Gás. A boa performance da ação pode ser explicada, em parte, pela manutenção de preços elevados do petróleo. Além disso, o anúncio do pagamento de dividendos contribuiu positivamente, renovando a perspectiva de que a empresa possa continuar a manter um nível elevado de distribuição futura de proventos.

Por outro lado, o maior detrator em março foi uma de nossas investidas no setor Financeiro. A pior performance no mês pode ser atribuída à piora do cenário macroeconômico e político, com a decorrente abertura da curva de juros, o que contrabalanceou as elevadas expectativas para o resultado do primeiro trimestre de 2024. Mantemos nossa exposição a empresas cíclicas domésticas e boas pagadoras de dividendos, que devem se beneficiar, ao longo de 2024, de uma melhoria na atividade econômica, redução da inflação, dos juros e do prêmio de risco de mercado.

Atualmente, nossas maiores exposições estão nos setores de Bancos, Elétrico, e Petróleo e Gás.

Estratégia Total Return

Em abril, o Fundo apresentou um retorno de -3,69%, em comparação ao IPCA + *yield* IMA-B, que registrou 0,80%. No acumulado do ano, o retorno do Fundo é de -6,93% vs. 3,83% do *benchmark*.

O mês foi marcado por uma onda de aversão ao risco causada pelas incertezas em relação à queda das taxas de juros nos Estados Unidos, após dados de inflação mais fortes ao longo dos últimos meses, bem como novas questões relacionadas ao risco fiscal no Brasil. Com esse cenário externo mais desafiador, a curva de juros no Brasil abriu de forma acentuada, e o Ibovespa teve um mês de queda de 1,70%, performance boa em relação ao restante da Bolsa, principalmente por conta de Petrobras e Vale, que tiveram bom desempenho. O índice de *Small Caps* da Bolsa brasileira, por exemplo, obteve um retorno de -7,76% no mesmo período.

Em abril, a principal contribuição positiva do Fundo veio da Petrobras, principalmente através da utilização de derivativos. Do lado negativo, os destaques foram para Marcopolo e Itaú.

Em abril, reduzimos marginalmente a exposição do Fundo e concentramos o portfólio em posições de maior convicção. Apesar do cenário de curto prazo desafiador, continuamos otimistas com o ano de 2024 e com um portfólio mais focado em empresas com baixa elasticidade ao PIB, capacidade de repasse de preço, desalavancadas e com múltiplos atrativos.

Multimercado

Vinci Atlas

O mês foi marcado por uma alta na inflação dos EUA, que desencadeou uma reprecificação no mercado de juros devido ao maior ceticismo em relação à convergência da inflação rumo à meta de 2%, praticamente eliminando a possibilidade de um corte de juros por parte do Fed antes do segundo semestre. Na Europa, indicadores de atividade e de sentimento econômico surpreenderam positivamente, enquanto a inflação segue a trajetória esperada pelo BC europeu. A comunicação dos diretores indica possível início do ciclo de cortes em junho; entretanto, observa-se ausência de consenso sobre o ritmo para o segundo semestre. A China apresentou significativa recuperação, impulsionada pela comunicação que sinaliza política mais estimulativa e melhora dos indicadores de atividade econômica.

No Brasil, os dados econômicos seguem indicando uma economia resiliente, com destaque para a contínua queda na taxa de desemprego. A inflação surpreendeu ao ficar abaixo das expectativas, porém o desempenho de “serviços” segue sendo um ponto de atenção. Após a reprecificação dos ativos no exterior, o presidente do BC alterou sua comunicação, sinalizando que o corte estimado de 50 bps provavelmente não será implementado.

Continuamos aplicados em juros reais principalmente no vértice de 2025, comprados em inflação implícita e zeramos nossa posição comprada em BRL. Seguimos aumentando nossa posição de dívida soberana argentina, enquanto reduzimos *commodities* como o ouro e aumentamos posição no urânio. Mantivemos posições de valor relativo em Bolsa brasileira. Como *hedge* da carteira, operamos taticamente vendidos na Bolsa americana via estratégia de opções e futuros.

O Fundo rendeu -0,55% no mês, com as principais contribuições vindo de crédito da Argentina. As posições de valor relativo em Bolsa brasileira, juros reais e inflação implícita no Brasil foram as principais detratoras no mês.

“

Vinci Valorem

O Fundo ganhou com a posição comprada em dólar contra real e tomado em taxa de juros nominais. Por outro lado, perdeu com posição a vendida em inclinação de curva de juros e na carteira de títulos ligados à inflação.

Em termos globais, o principal destaque foi o bom desempenho da economia norte-americana, com um mercado de trabalho aquecido, taxa de desemprego em queda e índices de inflação acelerando na margem, principalmente as inflações de serviços.

Essa atividade econômica mais forte trouxe o debate sobre o juro real de equilíbrio nos EUA e a necessidade real de corte de juros numa economia em aceleração. Essa análise implica um juro mais alto por mais tempo e resultou no fortalecimento do dólar contra todas as moedas, na queda dos principais índices de renda variável e na abertura das taxas de juros.

Consequentemente, o câmbio se desvalorizou ao patamar de R\$ 5,30 / US\$, e o Bacen mudou sua comunicação para um tom mais firme em suas declarações oficiais, sugerindo que o fim do ciclo de cortes na taxa Selic está próximo. Também preocupa o BC a desancoragem das expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária.

O Fundo continua comprado em títulos ligados ao IPCA, porém de *duration* mais curta. Além disso, possui posições tomadas em juros nominais intermediários e está vendido em inclinação de curva de juros. Na parcela de câmbio, segue comprado em dólar contra real.

Embora o nível de juro real acima de 6% seja historicamente alto, com os EUA apresentando dados de atividade econômica mais fortes do que o esperado, o ambiente externo implica uma visão mais cautelosa em relação ao mercado, que em geral está mais otimista, e consequentemente em nossa alocação de risco.

No mesmo sentido, o bom desempenho da economia brasileira, crescendo num ritmo talvez maior que o PIB potencial, implica um viés tomador de taxa de juros e comprado em inflação curta.

Vinci Retorno Real

O Fundo ganhou com a posição comprada em dólar, tomado em taxa de juros e taticamente em renda variável. Por outro lado, perdeu na carteira de títulos ligados à inflação.

Em termos globais, o principal destaque foi o bom desempenho da economia norte-americana, mostrando mercado de trabalho aquecido, com taxa de desemprego em queda, e índices de inflação acelerando na margem, principalmente as inflações de serviços.

Essa atividade econômica mais forte trouxe o debate sobre o juro real de equilíbrio nos EUA e, além disso, a real necessidade de corte de juros numa economia que está acelerando. Essa análise implica um juro mais alto por mais tempo e resultou no fortalecimento do dólar contra todas as moedas, na queda dos principais índices de renda variável e na abertura das taxas de juros.

Por consequência, o câmbio se desvalorizou ao patamar de R\$ 5,30 / US\$, e o Bacen mudou sua comunicação para um tom mais firme em suas declarações oficiais, sugerindo que o fim do ciclo de cortes na taxa Selic se aproxima. Também preocupa o BC a desancoragem das expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária.

O Fundo continua comprado em títulos ligado ao IPCA, porém de *duration* mais curta. Além disso, possui posições tomadas em juros nominais intermediários e está vendido em inclinação de curva de juros.

Na parcela de câmbio, segue comprado em dólar contra real.

Na renda variável, terminou o mês comprado em na Bolsa brasileira e vendido na norte-americana.

Embora o nível de juro real acima de 6% seja historicamente alto, o ambiente externo, com a economia norte-americana mostrando atividade econômica mais forte que o esperado, implica maior cautela na alocação de risco.

No mesmo sentido, o bom desempenho da economia brasileira, crescendo num ritmo talvez maior que o PIB potencial, implica um viés tomador de taxa de juros e comprado em inflação curta.

Vinci Auguri

Em abril, o Vinci Auguri FIC FIM teve rentabilidade negativa de 1,16%, equivalente a 130,9% do CDI. No ano, acumulou 2,27% positivos, equivalentes a 64,2% do CDI. Os setores de Bancos, Indústria, Consumo e Logística contribuíram negativamente para a performance do Fundo, enquanto os setores que agregaram positivamente foram os de Petróleo e Mineração.

No mês, o Ibovespa teve performance negativa de 1,7%, enquanto o Índice *Small Caps*, com maior participação de empresas ligadas à economia doméstica, teve performance negativa de 7,8%. Mais uma vez, o saldo acumulado do investidor estrangeiro na Bolsa brasileira foi negativo, em torno de R\$ 7 bilhões, acumulando no ano R\$ 36 bilhões de saída.

A falta de clareza quanto ao início do ciclo de corte de juros nos Estados Unidos, somada ao aumento da expectativa de inflação aqui no Brasil, levou a uma reprecificação da curva de juros interna e das ações ligadas à economia doméstica.

Acreditamos que o cenário vivenciado em abril continuará em maio, até que haja uma definição mais clara sobre o início do afrouxamento monetário americano.

No portfólio, não fizemos grandes mudanças setoriais; as principais posições continuam nos setores de Construção, Logística e Indústria.

Para maio, continuamos com o mesmo portfólio em termos de alocação setorial.

Previdência

Total Return Prev

O mês foi marcado por uma onda de aversão ao risco causada pelas incertezas em relação à queda das taxas de juros nos Estados Unidos após dados de inflação mais fortes ao longo dos últimos meses, bem como novas questões relacionadas ao risco fiscal no Brasil. Com esse cenário externo mais desafiador, a curva de juros no Brasil abriu de forma acentuada, e o Ibovespa teve um mês de queda de 1,70%, performance boa em relação ao restante da Bolsa, principalmente por conta de Petrobras e Vale. O Índice de *Small Caps* da Bolsa brasileira, por exemplo, obteve retorno de -7,76% no mesmo período.

Em abril, a principal contribuição positiva do Fundo veio da Petrobras. Do lado negativo, os destaques foram Marcopolo e Itaú.

Em abril, reduzimos marginalmente a exposição do Fundo e concentramos o portfólio em posições de maior convicção. Apesar do cenário de curto prazo desafiador, continuamos otimistas com o ano de 2024 e com um portfólio mais focado em empresas com baixa elasticidade ao PIB, capacidade de repasse de preço, desalavancadas e com múltiplos atrativos.

Vinci Optimum

No início do ano, estávamos com uma perspectiva positiva para renda fixa no Brasil, dado o cenário de corte de juros, e positiva para as ações de grande capitalização nacionais em antecipação ao crescimento das exportações de petróleo do Brasil. Contudo, no fechamento do mês de abril, entre as classes de investimento nacionais do Vinci Optimum, nenhuma obteve rentabilidade acumulada no ano acima da classe de títulos atrelados ao CDI. Nos investimentos internacionais, a situação muda: os índices do mercado de ações por capitalização dos Estados Unidos e do Japão e a taxa cambial do dólar/real apresentaram rentabilidade acima do CDI. Mas desde o início estávamos e continuamos prontos para proteger o patrimônio de nossos clientes com parte da carteira investida no que poderia render num cenário adverso para o Brasil, como ações nesses países desenvolvidos e na taxa cambial do dólar estadunidense, sempre com a visão de incorporar num único portfólio, ponderado por probabilidades, cada um dos cenários de rentabilidade e de risco possíveis. É se preparar e planejar uma estrutura de ganho de patrimônio para cada eventualidade, e não apostar numa única face da moeda.

Crédito

O Fundo rendeu 1,02% no mês, equivalente a 115% do CDI. O portfólio continua diversificado, sendo uma combinação de cotas seniores de FIDC indexadas ao CDI e operações de desconto de recebíveis da cadeia de fornecedores de grandes empresas, com prazos curtos e natureza revolvente.

Entramos num cenário de corte de juros, e as cotas de FIDCs em carteira têm apresentado retornos atraentes, mantendo um padrão de risco baixo. Seguimos originando novas oportunidades de investimentos e alocando o caixa do Fundo em novas emissões de FIDCs de diferentes lastros e emissores, com alto grau de subordinação e baixo risco de crédito, com taxas que variam entre CDI + 3% e 5% a.a.

O VCE tem apresentado performance constante devido ao carregamento diferenciado das operações e à menor volatilidade inerente a esta classe de ativo. Fundos com resgate de 59 dc, como o VCE, tendem a oferecer uma proteção extra aos investidores em comparação aos sem carência, dado que tendem a absorver melhor os possíveis impactos negativos de uma venda de papéis no secundário para honrar resgates acima do previsto. No fechamento do mês, cerca de 33% do Fundo estavam num portfólio de cotas seniores de FIDCs abertos com resgate entre D + 30-90; 43% num portfólio diversificado de cotas de FIDCs (ambos com bom nível de subordinação); 12% em FIDCs Cadeia de Fornecedores, que realizam desconto de duplicatas performadas e confirmadas junto a empresas de grande porte e baixo risco de crédito; e 12% em caixa e liquidez. Possuímos, atualmente, 64 diferentes emissores de FIDCs, com uma média de 1,5% do PL cada.

Dado o perfil de baixa volatilidade e alta qualidade de crédito, acreditamos que o VCE seja uma excelente alternativa para investir com 59 dc de prazo de resgate na parcela dedicada a crédito, apresentando retorno líquido de 14,31%, equivalente a CDI + 1,75% a.a. ou 116% do CDI em 12M.



ESTE RELATÓRIO DESTINA-SE EXCLUSIVAMENTE AO SEU DESTINATÁRIO E NÃO DEVE SER REPASSADO A TERCEIROS SEM O PRÉVIO E EXPRESSO CONSENTIMENTO DA VINCI PARTNERS OU QUALQUER UMA DE SUAS AFILIADAS ("Vinci"). O presente material tem caráter meramente informativo, não foi auditado e é para uso exclusivo de seu destinatário, cliente da Vinci. As informações contidas neste documento são confidenciais e não devem ser divulgadas a terceiros sem o prévio e expresso consentimento da Vinci. As informações contidas neste documento são materialmente precisas até a data a que o relatório se refere. Este material não pretende ser completo, nem a Vinci assume nenhum compromisso de atualizar as informações aqui contidas. Este documento constitui uma opinião dos analistas e gestores da Vinci, mas não deve ser interpretado como uma recomendação, legal ou de qualquer outra natureza, por parte da Vinci, e não leva em consideração a situação particular de qualquer pessoa. Quaisquer projeções, avaliações de conjuntura ou estimativas de mercado indicadas neste relatório são baseadas em certas premissas, refletem as visões dos analistas e gestores da Vinci e não foram verificadas de forma independente e, portanto, não devem ser interpretadas como um indicativo dos eventos reais que ocorrerão. Outros eventos que não foram levados em consideração podem ocorrer e exercer impacto significativo no mercado. Os analistas e gestores da Vinci usam informações de fontes conhecidas por sua confiabilidade e boa-fé, mas isto não representa nem endossa a precisão ou confiabilidade de nenhuma dessas informações e a Vinci não se responsabiliza pelo teor dessas informações. A utilização das informações aqui contidas se dará exclusivamente por conta e risco de seu usuário. Antes de tomar qualquer decisão acerca de seus investimentos, a Vinci recomenda ao interessado que consulte seu próprio assessor.

Ações
30-abr-24

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci GAS Dividendos FIA	13,7037	-2,22%	-5,81%	18,22%	490.020.078	521.035.909,79	19/09/05	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Mosaico Institucional FIA*	7,4713	-3,23%	-4,98%	23,77%	704.091.784	719.826.669,03	14/11/17	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Selection Equities FIA	297,6124	-3,94%	-7,19%	17,09%	461.592.606	529.844.143,06	01/11/12	1,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Fatorial Dinâmico FIA	2,8415	-3,19%	-6,42%	19,30%	103.853.660	127.949.512,47	30/12/15	1,04%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Mosaico FIA*	7,5471	-3,34%	-4,42%	25,68%	169.334.750	149.565.036,33	14/11/17	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Seleção FIA	392,7503	-2,52%	-6,27%	17,77%	60.277.253	65.140.016,10	31/03/11	3,00%a.a.	não há	-
Vinci Selection Long Biased FIM	146,4433	0,53%	2,81%	13,62%	11.927.072	12.745.944,12	30/12/20	1,10%a.a.	20%	IPCA + YIELD IMA-B
Vinci Total Return FIC FIM	178,7790	-3,69%	-6,93%	16,32%	245.451.181	235.341.437,77	27/12/19	1,55%a.a.	20%	IPCA + YIELD IMA-B

*Este Fundo foi originado da cisão do Mosaico FIA (08.845.615.0001-00) ocorrida em 14/11/17. A estabilidade anterior e sua data corresponde à estabilidade do Fundo Mosaico FIA, com data de início em 12/07/2010.

Multimercado

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Atlas FIC FIM	166,0105	-0,55%	0,42%	7,67%	152.117.876	202.033.053,15	08/08/16	2,00%a.a.	20%	CDI
Vinci Valorem FIM	294,2381	-0,66%	0,87%	7,44%	1.280.493.311	1.511.553.229,04	21/08/12	1,00%a.a.	20%	IMAB-5
Vinci Internacional FIC FIM	299,3981	2,75%	9,68%	11,64%	111.251.188	106.375.826,96	31/03/14	1,00%a.a.	10%	US TREASURY BILL 3M+2% a.a
Vinci Selection FIC FIM	248,5337	0,79%	1,60%	7,81%	15.394.230	34.460.009,01	31/10/12	1,00%a.a.	10%	CDI
Vinci Multiestratégia FIM	317,6389	0,18%	2,17%	10,39%	255.426.662	303.936.199,23	31/03/11	1,00%a.a.	20%	CDI
Vinci Reflation FIM CP IE	n.a.	#VALUE!	#####	-	n.a.	-	27/10/21	1,50%a.a.	não há	-
Vinci Retorno Real FIM	138,2680	-1,24%	-0,79%	5,06%	185.175.168	193.542.218,13	30/12/20	2,00%a.a.	20%	IMAB

Previdência

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Equilíbrio Icatu Previdência FIC FIM	226,7682	-0,75%	0,64%	7,05%	32.167.413	52.093.638,70	30/12/14	2,00%a.a.	não há	-
Vinci Equilíbrio Icatu Previdência FIC FIM II	1,9333	-0,74%	0,66%	7,10%	246.933.085	292.529.022,93	11/04/16	2,00%a.a.	não há	-

Crédito

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Crédito Estruturado Multiestratégia Plus FIC FIM - CP**	261,9526	1,03%	4,22%	14,65%	101.034.635	113.197.963,07	08/09/14	1,25%a.a.	20%	100% CDI
Vinci Crédito Estruturado Seleção FIC**	233,7354	1,02%	4,09%	14,31%	99.296.243	114.730.219,52	18/06/15	1,20%a.a.	20%	100% CDI
Vinci Crédito Estruturado Selection Advisory FI FIM**	233,8759	1,03%	4,09%	14,32%	149.302.541	137.802.097,67	17/06/15	1,20%a.a.	20%	100% CDI

Índices

Indexador	% mês	% ano	% 12 meses
CDI	0,89%	3,54%	12,33%
Ibovespa (R\$)	-1,70%	-6,16%	20,58%
IMA-B	-1,61%	-1,44%	7,83%
Dólar (PTAX)	3,51%	6,83%	3,42%

Administrador: BEM DRYM Ltda. (desde 17/05/10 para os fundos Vinci GAS Lotas, Vinci GAS Dividendos e Vinci GAS Flash) * Gestora Fundos de Ações: Vinci Equities Gestora de Recursos Ltda. (desde 26/04/10 para os fundos Vinci GAS Lotas, Vinci GAS Dividendos e Vinci GAS Flash) * Todos os Fundos destinam-se a investidores qualificados, com exceção dos fundos Vinci GAS Flash, Vinci Gas Dividendos, Vinci Selection Equities e Vinci Fatorial Dinâmico que destinam-se à investidores em geral e do fundo Vinci Gas Valor SMLL que destina-se à entes públicos. * O Vinci GAS Lotas, Vinci Mosaico e Vinci GAS Dividendos possuem taxa de saída de 5% sobre o valor do resgate para cotistas que não quiserem cumprir o prazo de 30 dias para contratação do resgate.

O presente documento tem caráter meramente informativo e é para uso exclusivo de seu destinatário. As informações contidas neste documento são confidenciais e não devem ser divulgadas a terceiros sem o prévio e expresso consentimento da Vinci Partners ou qualquer uma de suas afiliadas ("Vinci"). Este relatório não constitui o extrato mensal oficial de seus investimentos no fundo de investimento a que se refere ("Fundo"). No caso de divergência entre as informações contidas neste relatório e aquelas contidas no extrato mensal emitido pelo administrador do Fundo, as informações contidas no referido extrato mensal prevalecerão sobre as informações deste relatório. As eventuais divergências podem ocorrer devido à adoção de métodos diversos de cálculo e apresentação. O valor do patrimônio líquido de cada fundo contido neste relatório é líquido das despesas do fundo (i.e. honorários, comissões e impostos). A rentabilidade do fundo divulgada neste relatório não é líquida de impostos e nem de taxa de saída. Os valores ora atribuídos aos ativos do fundo são estimados de acordo com a precificação realizada pelo administrador. Os preços ora utilizados são, no mínimo, do dia anterior e não representam valores atualizados de mercado. Para avaliação da performance de quaisquer fundos de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Os fundos das classes "ações" e "multimercado com renda variável" podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração, falência e recuperação judicial ou extrajudicial dos emissores responsáveis pelos ativos do fundo. As comparações a certos índices de mercado foram incluídas para referência apenas e não representam garantia de retorno pela Vinci. Os resultados obtidos no passado não representam garantia de resultados futuros e não contam com garantia da Vinci, de qualquer de suas afiliadas, do administrador, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Para fundos que perseguem a manutenção de uma carteira de longo prazo, não há garantia de que o fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. A partir de 02/05/2008, todos os fundos de investimento que utilizam ativos de renda variável em suas carteiras deixam de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passam a fazê-lo com base na cotação de fechamento destes ativos. Desta forma comparações de rentabilidade destes fundos com índices de ações devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média destes índices e, para períodos posteriores a esta data, a cotação de fechamento. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento do Fundo, do Formulário de Informações Complementares e da Letra de Informações Essenciais, se houver, e aplicar seus recursos. Investimentos implicam na exposição a riscos, inclusive na possibilidade de perda total do investimento. Ouvidoria - De segunda a sexta-feira, exceto feriados, das 8h às 18h (horário de Brasília): 0800-725-5512, ouvidoria@vincipartners.com.

Relacionamento com Cliente

Alocadores e Distribuidores

Rio de Janeiro

Ronaldo Boruchovitch
21 2159-6271
rboruchovitch@vincipartners.com

Marcelo Gengo
11 3572-3774
mgengo@vincipartners.com

São Paulo

Felipe Abenza
11 3572-3972
fabenza@vincipartners.com

Carolina Melchert
11 3572-3974
cmelchert@vincipartners.com

Empresas

São Paulo

Daniel Figueiredo
11 3572-3771
dfigueiredo@vincipartners.com

Cientes Institucionais

São Paulo

Marcelo Rabbat
11 3572-3775
mrabbat@vincipartners.com

Alexandre Damasceno
11 3572-3778
adamasceno@vincipartners.com

Alessandro Meneghel
11 3572-3772
ameneghel@vincipartners.com

Investidores Individuais

Rio de Janeiro

Mariano Figueiredo
21 2159-6180
mfigueiredo@vincipartners.com

Leticia Costa
21 2159-6101
lcosta@vincipartners.com

Caroline Pacheco
21 2159-6104
cpacheco@vincipartners.com

São Paulo

Olavo Tortelli
11 3572-3737
otortelli@vincipartners.com

Ribeirão Preto

Mariana Biagi
16 2101-4641
mbiagi@vincipartners.com